

PROPOSTA METODOLÓGICA PARTICIPATIVA APLICADA PARA GRUPOS DE DISCUSSÃO: O NOVELO DE LÃ, URDINDO NARRATIVAS

Participatory methodological proposal applied to Discussion Groups: the ball of wool, weaving narratives

César Andrés Alzate Hoyos¹ 
Junior Miranda Scheuer² 
Sandra Maria Almeida Cordeiro³ 

RESUMO

Objetivou-se com esse trabalho relatar os procedimentos e resultados empíricos da aplicação da técnica denominada “novelo de lã”, aplicada, testada e reconstruída junto aos grupos de apresentação de trabalhos científicos do “I Encontro de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação: desenvolvimento territorial sustentável” realizado em Montevideu no Uruguai em maio de 2023. Para tanto, como procedimento metodológico, utilizou-se nesse texto os principais resultados da experiência empírica. A partir desta técnica participativa, priorizou-se o debate dos Grupos de Diálogos (GD), buscando destacar os pontos de convergência, de maneira livre e espontânea, que cada participante pudesse estabelecer relações com a fala que o precedia a partir de intervenções curtas e sem apresentações audiovisuais. Verificou-se no decorrer dos grupos de discussão que essa técnica facilitou a formação de ideias, gerando possibilidades contextualizadas pelos próprios participantes e oportunizou a interpretação de conceitos, conflitos, confrontos e pontos de vista, incluindo até o questionamento de suas pesquisas.

Palavras Chave: Metodologia participativa; Grupos de discussão e Pesquisa-ação.

ABSTRACT

The aim of this work was to report on the procedures and empirical results of the application of the technique called “novel of wool” which was applied, tested and reconstructed with the groups presenting scientific papers at the “1st Meeting of Qualitative Methodologies for Research and/or Action: sustainable territorial development” held in Montevideo, Uruguay, in May 2023. Therefore, from this participatory technique, the debate of the Discussion Groups (DG) was prioritized, seeking from the points of convergence, in a free and spontaneous way, that each participant could establish relationships with the speech that preceded him from short interventions and without audiovisual presentations. This technique facilitated the formation of ideas, generating possibilities contextualized by the participants themselves and provided opportunities for the interpretation of concepts, conflicts, confrontations, and points of view, including even the questioning of their research. In this way, the main results of the empirical experience are presented, underpinning some secondary surveys.

Keywords: Participatory methodology; Discussion groups and Research - action.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus Francisco Beltrão, Brasil, csalzate@gmail.com

² Universidad de la República (UdelaR), Uruguay, jscheuer@fagro.edu.uy

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil, sandracordeiro@uel.br

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue relatar los procedimientos y resultados empíricos de la aplicación de la técnica denominada “ovillo de lana” que fue aplicada, probada y reconstruida con los grupos que presentaron trabajos científicos en el “I Encuentro de Metodologías Cualitativas de Investigación y/o Acción: desarrollo territorial sostenible” realizado en Montevideo, Uruguay, en mayo de 2023. Así, a partir de esta técnica participativa, se priorizó el debate de los Grupos de Discusión (GD), buscando a partir de los puntos de convergencia, de manera libre y espontánea, que cada participante pudiera establecer conexiones con la ponencia que le precedía a partir de intervenciones breves y sin presentaciones audiovisuales. Esta técnica facilitó la formación de ideas, generando posibilidades contextualizadas por los propios participantes y proporcionando oportunidades para la interpretación de conceptos, conflictos, confrontaciones y puntos de vista, incluyendo incluso el cuestionamiento de sus propias investigaciones. De esta forma, se presentan los principales resultados de la experiencia empírica, trayendo a la discusión algunas fuentes secundarias.

Palabras clave: Metodología participativa; Grupos de discusión e Investigación-acción.

INTRODUÇÃO

São inúmeros os desafios que envolvem a realização de pesquisa, bem como a definição de metodologias e técnicas utilizadas para investigar o objeto do estudo. Essas assumem um significado especial, principalmente quando se prioriza a pesquisa qualitativa participante e/ou a pesquisa-ação.

É nesse contexto de pesquisas qualitativas que o “I Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação: Desenvolvimento Territorial Sustentável”, buscou desenvolver junto aos participantes. Para isso, os organizadores se depararam com a necessidade de se (re)pensar os caminhos e ferramentas utilizados para a comunicação de pesquisas em eventos científicos. Isso porque a temática do próprio encontro demandava uma técnica integradora, ou seja, algo que envolvesse “com e para” os sujeitos presentes naquele momento de socialização do conhecimento.

Buscou-se, dessa forma, uma dinâmica que resgatasse o sentido da ideia de grupo para além de um agrupamento de indivíduos para apresentarem trabalhos científicos, mas que fosse para os sujeitos participantes um “[...] resultado da dialética entre a história do grupo (movimento horizontal) e a história dos indivíduos com seus mundos internos, suas projeções e transferências

⁴ Evento realizado de 25 a 27 de maio de 2023 em Montevideu, Uruguai, na modalidade presencial. As atividades iniciaram com um diálogo de abertura com o prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste) e Profa. PhD Mariela Bianco (Universidad de la República, UdelaR), seguido por uma mesa de diálogo formada por professores da Colômbia, do Uruguai e do Brasil. Os textos enviados foram discutidos em três Grupos de Diálogo: (i) pesquisa-ação urbana, realizado na primeira jornada e, (ii) pesquisa-ação rural e (iii) pesquisa-ação urbano-rural aconteceram no segundo dia, que ao término se realizou uma avaliação grupal do evento. O terceiro dia foi de trabalho de campo, realizado na região de Colônia de Sacramento, Uruguai.

(movimento vertical) no suceder da história da sociedade em que estão inseridos” conforme discutido por Madalena Freire (Freire, 2003, p. 30).

O encontro foi realizado na cidade de Montevideu, Uruguai, entre os dias 23 a 27 de maio de 2023, contando com pesquisadores e estudantes de diversos países, tais como Argentina, Brasil, Colômbia, México e Uruguai.

Frente a essa perspectiva, a comissão organizadora do evento encarou o desafio de adotar uma metodologia de apresentação de trabalhos coerente com a temática do encontro e, sobretudo, que priorizasse a participação dos presentes no debate. Com isso, a intenção era evitar a reprodução das formas tradicionais utilizadas nos mais variados congressos (apresentação enrijecida em um “Power Point”), e assumir uma técnica de (re)socialização. E no caso, por sugestão do Prof. César Andrés Alzate Hoyos, foi escolhida a técnica novelo de lã, utilizada em aulas na educação formal e em atividades não-formais de reunião de pessoas.

A técnica novelo de lã foi pensada como um “desenrolar” de ideias conectadas por adesões livres e espontâneas, utilizando para este propósito um novelo de lã colorido que, por sua vez, representaria não só a sequência das falas curtas de cada participante, como também o esforço de conexão entre as falas, urdindo assim uma rede. Para este propósito, um(a) moderador(a), um(a) costureiro(a) e um(a) sintetizador(a) foram designados com a função de facilitar a atividade.

Com essa técnica foi possível realizar um diálogo horizontal em uma perspectiva freireana, na medida que as pesquisas não seriam mais apresentadas como “transferência de conteúdos” daquele que domina a fala, para aqueles que aprendem absorvendo. Mas sim “por interação, que é o caminho da construção” (Freire, 1994, p. 134) de um aprendizado de qualidade, ao passo que “[...] aprendemos a refletir, estruturando nossas hipóteses na interação e na troca com o grupo. A ação, a interação e a torça movem o processo de aprendizagem” (Freire, 1994, p. 7).

Assim, o objetivo desse relato é apresentar uma síntese integrativa da técnica denominada novelo de lã, aplicada aos expositores (apresentadores de trabalhos científicos) e participantes (ouvintes) do I Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação, realizado em maio de 2023 em Montevideu, Uruguai.

Para tanto, o trabalho está estruturado em duas partes: teórica e prática. Na parte teórica, buscou-se a fundamentação do conceito em fontes secundárias desde a revisão de trabalhos acadêmicos sobre o tema, assim como estratégias/técnicas de socialização proativa em grupo, que subsidiaram a construção da atividade. Na parte prática, foram realizados levantamentos empíricos desde a sua aplicação no encontro, em que os autores participaram do desenvolvimento da técnica no decorrer das apresentações dos trabalhos científicos.

Destacamos que esse texto contemplou parte das ações realizadas por integrantes do grupo de pesquisa qualitativa participante e/ou ação intitulado Grupo de Pesquisa-Ação-Participativa - Brasil (GPAP), que abarca pesquisadores tanto das ciências humanas como das sociais aplicadas, envolvendo sujeitos de diferentes campos do saber científico de universidades brasileiras e de outros países da América Latina, que tem como um dos coordenadores o prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet.

No primeiro dia das atividades foram realizados Diálogos de Abertura sobre o tema: A Importância do Encontro e das Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação (MQPA); seguindo com as mesas de Diálogos: (i) Las Metodologías Cualitativas de Participación y Acción para la Investigación geográfica; (ii) La Bitácora Pedagógica como dispositivo de las MQPA en contextos educativos; (iii) Povos Indígenas do Brasil: a importância da pesquisa-ação; (iv) Pesquisa ação em territórios vulneráveis na cidade. A partir das apresentações houve a articulação e coordenação dos comentários e perguntas entre os participantes. Para os dias seguintes do evento foram apresentados os trabalhos científicos divididos em três grupos de diálogos sendo: Grupo 1 (GD): Pesquisa-ação urbana; Grupo 2 (GD): Pesquisa-ação rural e o Grupo 3 (GD): Pesquisa-ação urbano-rural, em que cada grupo contou com distintos coordenadores⁵[1]. E por fim o término do evento culminou em um trabalho de campo que se deu na região de Colônia de Sacramento, Uruguai, refletindo sobre o processo histórico, geográfico e urbanístico desse território.

Desenvolvimento da atividade

Inicialmente, o encontro foi organizado em três Grupos de Discussão (GD): urbano, rural e rural-urbano. Dessa forma, os expositores encaminharam os seus trabalhos conforme a pertinência teórica de sua exposição/GD.

A proposta metodológica de apresentação dos textos acadêmicos, a partir dos GD, embasou-se na técnica “novelo de lâ”, em que se busca partir dos pontos de convergência de cada participante de maneira livre e espontânea desde intervenções curtas e sem apresentações audiovisuais.

⁵ **Grupo de diálogos 1:** pesquisa-ação urbana, coordenado pelo prof. Dr. Vinicius Druciaki Polzin (Universidade Estadual de Goiás, Brasil), prof. Dra. Léia Veiga (Universidade Estadual de Londrina) e profa. Dra. Sandra Maria Almeida Cordeiro (Universidade Estadual de Londrina, Brasil). **Grupo de diálogos 2:** pesquisa-ação rural, coordenado pela profa. Dra. Lorraine Gomes da Silva (Universidade Estadual de Goiás, Brasil), prof. Dr. Junior Miranda Scheuer (Universidad de la República, Uruguai) e profa. Dra. Ana Gabriela Trujillo Díaz (Universidad Intercultural de Chiapas). **Grupo de diálogos 3:** pesquisa-ação urbano-rural, coordenado pelo prof. Dr. César Alzate Hoyos (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil), prof. Me. Osmar Fabiano de Souza Filho (Universidade Estadual de Londrina, Brasil) e prof. Dr. Caio Cezar Cunha (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).

O debate foi construído sobre a pertinência e adesão espontânea que se estabeleceu com a fala do outro, que lançava o novelo de lã para aquele que o solicitava, com isso, ia se formando um nó, denominando uma rede de conexões. Para o cumprimento de alguns requisitos, por exemplo, limitação do tempo, maior número de intervenções, síntese de conteúdos e direcionamento para os temas, foi designado papéis entre os participantes, sendo esses: moderador(a), costureiro(a) e sintetizador(a).

Ambos os papéis podem ser entendidos como de agentes facilitadores da interação entre os participantes dos GD. O moderador, um tipo de coordenador do grupo, pode ser descrito segundo Pichon-Rivière (1998) como um sujeito com um papel prescritivo, ou seja, é aquele que esclarece as regras e no decorrer da dinâmica vai instigando os membros do grupo a participarem.

O costureiro, ainda inspirados em Pichon-Rivière (1998), pode ser descrito como aquele que seria o responsável por provocar os participantes no sentido de pensarem, falarem e interagirem no decorrer de cada trabalho científico apresentado. E, por fim, o sintetizador(a), seria a pessoa responsável pela síntese grupal, retomando os principais aspectos debatidos no decorrer da dinâmica.

Com o intuito de cumprir com o propósito da dinâmica, as falas eram curtas, sempre que precisavam, reencaminhadas, sintetizadas e revisitadas em intervalos de tempo, observando as conexões que resumiam a coprodução de narrativas considerando o tema central de cada.

Procedimento de apresentação: desenrolando o novelo

As atividades programadas para apresentação de trabalhos a partir de resumos expandidos foram realizadas em dois dias, e os artigos foram distribuídos em três grupos de discussão (GD). Para apresentação desses trabalhos foi proposta a técnica que se embasa na dinâmica denominada “novo de lã”

A dinâmica do novo de lã se inicia na conformação de uma roda (Figura 1) com os expositores (artigos previamente encaminhados e aceitos) e os demais participantes do evento (de outros GD, palestrantes e ouvintes). Após a apresentação geral da atividade, se indagou aos presentes se eles concordavam com a proposta, conduzindo-se, assim, a dinâmica.

Anteriormente discutido, para a consecução da atividade foram definidas três funções – na realidade quatro –. O primeiro rol é o do(a) **moderador(a)** (organização da dinâmica), que inscreve a ordem de apresentação dos(as) participantes e das intervenções subsequentes, controlando o tempo (cinco minutos de exposição), tanto da apresentação quanto das intervenções em geral, isto é, breves comentários dos demais participantes.

Figura 1. Organização do espaço do GD



Fonte: Autores (2023)

Enquanto as falas iam se enrolando, o novelo de lã ia se costurando e, deste processo é que emerge o rol de costureiro(a) (organização da discussão teórica), responsável por orientar, se necessário, alguma fala que não está se conectando devidamente com as discussões que o precedem, ou poderá tornar as múltiplas narrativas em uma fala mais enxuta e coesa. Na execução da atividade, este papel foi feito, também, pelo próprio grupo enquanto este se engajava mais e mais nas discussões.

Após um número determinado de intervenções, nas quais ocorreram réplicas dos participantes (mais de um depoimento por pessoa), começou a emergir, o que talvez tenha sido o principal atributo da metodologia, isto é, catalisar intervenções mais passivas em uma explosão dialógica (Figura 2), tendo uma trama cada vez mais rica e densa.

Contudo, sabíamos que urdir era um trabalho coletivo, introspectivo e que precisava de uma mirada mais “contemplativa” que permitiria uma interface dentro/fora da totalidade. Esse foi, então, o papel do(a) **sintetizador(a)** (organização da essência das ideias) (Figura 3), cuja função era realizar uma sucinta síntese do fio argumentativo estabelecido até o momento, apresentado os principais pontos comuns (palavras-chave) que constroem o tecido, como se estivesse desenrolando uma espécie de semântica por trás do jogo.

Figura 2. Tecendo a rede.



Fonte: Autores (2023)

Mas, quem assume então a quarta função? O grupo! Como todo processo de coprodução o tecido deixava de lhe pertencer aos nós, para lhe pertencer, como um todo, a rede, isto é, a emergência sistêmica (em que o todo é mais que a soma das partes) criava um corpo urdido falas, experiências de vida, sentimentos, conceitos e até discrepâncias. Dessarte, o papel do grupo/rede, era mais ontológico que metodológico, ele tem que Ser, e só sendo, teria uma existência indeterminada.

Figura 3. Vai novelo que ninguém te para.



Fonte: Autores (2023)

Neste aspecto, podemos sublinhar uma das falas da costureira que disse “olha que nem precisa da costureira”, pois é, “já está em automático hahaha”, falando o moderador na sequência, ou comentários do tipo, “perdeu o fio da meada”, faziam parte do papel que a própria metodologia não tinha previsto, pois várias das funções, com o passar do tempo, iam sendo assumidas de maneira espontânea pela rede, o qual já era um produto territorial do processo, que faziam sentido só ali, no tempo e espaço, em que este, estava sendo pautado.

Outra característica da atividade, e que de certo modo caracterizou o grupo, foram as adesões das falas, pois estas não estavam sempre orientadas pelas ideias, ou conceitos, e sim pelo sentimento. Pensamos que este espaço chamado acadêmico, afasta-se deste campo; porém, foi destacável como um sentimento de frustração que aparecia na pesquisa, ou de pertencimento que

marcava o lugar de fala ou seu eventual reposicionamento. Por exemplo, uma das participantes confessou que já tinha mudado muitas coisas na sua cabeça: “agora vou sair com outra ideia, já estou questionando meu próprio trabalho”.

Outro ponto a considerar é que as falas nem sempre se relacionavam com as intervenções imediatamente precedidas, às vezes, o faziam com uma fala “antiga” ou simplesmente com um conjunto de retalhos espalhados na rede, uma ideia de lá outra fala anedótica de cá. Porque de alguma forma, o fato de “eu” me inscrever na roda podia ser motivado pela empatia com o outro, mas esse outro podia ser também uma versão abstrata de experiências que me interpelavam dentro de um conjunto de narrativas, gestualidade e movimentos, que, finalmente foi a urdidura que todos e todas estamos construindo.

Relata-se aqui (Quadro 1) algumas reflexões e interlocuções que foram expressas a partir das falas e da construção de sínteses pelos participantes.

Quadro 1. Algumas falas dos participantes a partir da técnica.

Muito interessante essa construção do conhecimento a partir das periferias, territorialidades, narrativas e experiência; penso que temos desafios a partir dos territórios das cidades.
Precisamos pensar estratégias de defesa dos direitos fundamentais cada vez mais fragilizados, que estão distantes dessa população.
Como estimular processos de consciência e organização contra as múltiplas opressões que nos perpassam, de classe, gênero, raça ou mesmo territorial?
Como propor alternativas que leva a população a superar essa condição de não alimentação, de insegurança alimentar?
Então, fica a pergunta: qual é o papel das universidades nestes cenários?
Urgente a construção conjunta de conhecimentos entre profissionais de diferentes áreas, principalmente, com a população desses territórios.

Fonte: Autores (2023)

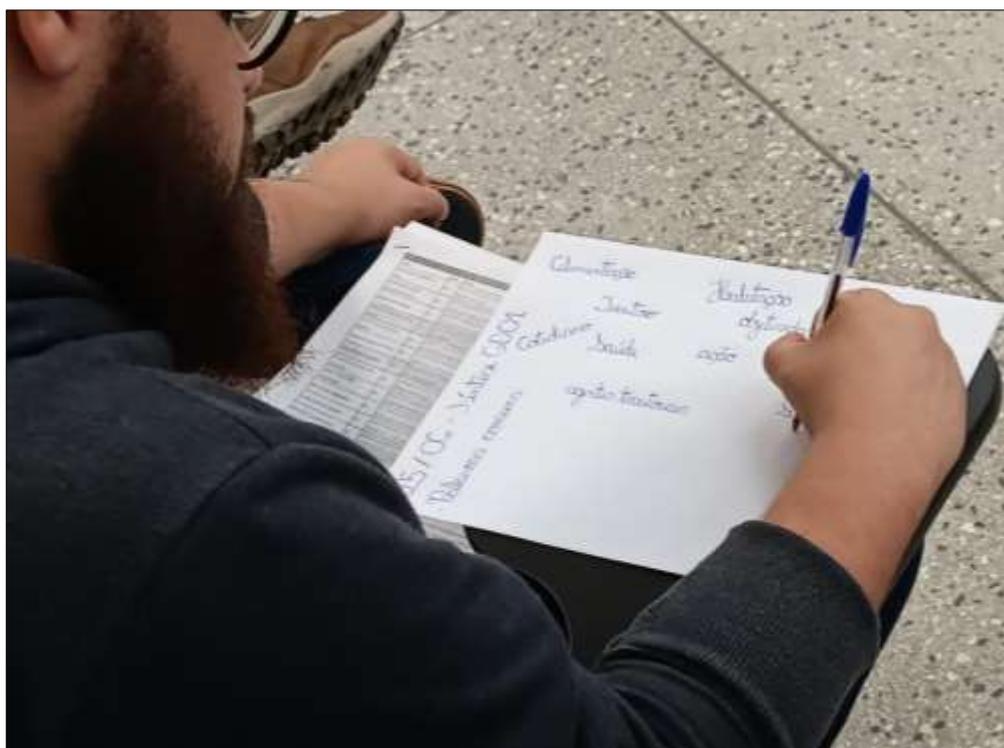
O Quadro 2 e a Figura 4 (ver também Figura 3), demonstram a apreensão na função do costureiro(a) e do(a) sintetizador(a).

Quadro 2. Palavras síntese na figura do costureiro(a).

Interlocuções urbanas e rurais	Divisão territorial	Integração das áreas-multidisciplinaria de	Desigualdades	Expressão da questão social
Hortas urbanas	Descentralização	Fluxos de renda do município	Financiamento	Indicadores
Políticas públicas homogêneas	Questões identitárias	Gênero	Religião	Solução verde
Paisagismo	Práticas culturais	Território	Territorialidades	Interesses antagônicos

Fonte: Autores (2023)

Figura 4. Construção de palavras-chave do sintetizador.



Fonte: Autores (2023)

O destaque que aplicação dessa técnica teve, foi a possibilidade de que as apresentações dos textos acadêmicos, as informações e conhecimentos, tornaram-se produtos construídos coletivamente, respeitando a pluralidade e as diversidades sociais, econômicas, étnicas, culturais

dos sujeitos. A proposta foi construída de forma partilhada com os participantes, o que nos fez refletir que as metodologias participativas devem ser vistas como possibilidades que buscam cada vez mais o princípio da co-criação, estabelecendo uma relação horizontal, propiciando um trabalho criativo, favorecendo o processo de diálogo, a organização das ideias e resultados da discussão.

Nessa perspectiva, observa-se pela avaliação realizada após o encerramento dos grupos (GD) que as metodologias participativas, apresentadas e aplicadas atualmente, voltadas principalmente a territórios vulneráveis, excluídos, informais urbanos ou rurais, constituem-se num conjunto de ferramentas e estratégias para atingir o mesmo objetivo baseado no princípio fundamental da participação.

Uma das apresentações que nos faz pensar na importância dessas abordagens, deve formar e potencializar talentos locais, contribuindo ao diálogo e aos saberes populares na construção de transformação social. Essa fala é de um sujeito de um território periférico: *“A casa não fala, as árvores não falam, o que é julgado? As pessoas que são negras e pobres que vivem nas periferias das cidades.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência apontou para a importância das informações captadas a partir dos grupos de discussão formados para apresentação dos trabalhos, desenvolvidas através da técnica novelo de lã. No caso da experiência relatada, as apresentações demonstraram esse instrumento extremamente importante, o que validou as apresentações e seus resultados.

Particularmente, o procedimento adotado permitiu explicar os resultados encontrados a partir dos trabalhos apresentados. Demonstrou-se, dessa forma, ser um método eficaz, não enrijecido e tradicional para a apresentação de trabalhos em eventos científicos e acadêmicos, bem como para coleta de dados em pesquisas qualitativas.

Esta técnica proporcionou riqueza e variedade pela troca de experiências, reflexões promovidas pela dinâmica e sinergia dos participantes. Espera-se que este relato de experiência, que apresenta uma técnica entendida como produtiva e esclarecedora, além de trazer resultados inovadores, desperte a curiosidade e a utilização em outros eventos e, principalmente, em pesquisas em curso.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: em reencontro com a pedagogia do oprimido. 3 ° ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, M. O que é um grupo? In: FREIRE, M (Org.). **Grupo**: indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. 3° ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003. (Série Seminários) p. 29-38.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 6 ° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 21 de agosto de 2023

Aceito em: 15 de setembro de 2023